

A “REJEITADA” COPA AMÉRICA: ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS JORNAIS *DIÁRIO DE PERNAMBUCO* E *DIÁRIO DO NORDESTE* SOBRE FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL

Maria do Socorro de Sousa Cruz¹

Resumo: Esse estudo se propõe a analisar como os jornais *Diário de Pernambuco* (PE) e *Diário do Nordeste* (CE), apresentam em suas narrativas jornalísticas – relacionadas à Copa América de Futebol 2021, realizada no Brasil -, referências identitárias com base no futebol. Questiona-se, o que de fato, a seleção brasileira simboliza ou mesmo representa nas narrativas da imprensa nordestina durante a realização da Copa América 2021. O objeto de estudo foram os conteúdos jornalísticos como reportagens, editoriais, textos de colunas, fotografias e legendas relacionados à Copa América, publicados no período de 30 de maio a 15 de julho de 2021. A investigação foi feita pelo método da Análise de Conteúdo Categrorial proposto por Bardin (2011). O jornal *Diário do Nordeste* (CE) abordou a temática explorada nesse estudo em 23 publicações e o *Diário de Pernambuco* teve 21, somando ao todo 44 publicações. O material jornalístico foi analisado, interpretado, quantificado e em seguida definidas as categorias: Brasil entra em campo: fim da pátria de chuteiras? Copa da rejeição no país do futebol?; Astros da seleção ou desaparecimento do futebol-arte? Conclui-se que nas narrativas dos jornais estudados há uma desconstrução sobre a representação do futebol na sociedade brasileira, sobretudo relacionada a seleção.

Palavras-chave: Futebol; Cultura; Identidade Nacional; Copa América.

The “Rejected” Copa América: Analysis of Narratives in the Newspapers *Diário de Pernambuco* and *Diário do Nordeste* About Football and National Identity

Abstract: This study proposes to analyze how the newspapers *Diário de Pernambuco* (PE) and *Diário do Nordeste* (CE), present in their journalistic narratives - related to the 2021 Copa América de Futebol, held in Brazil -, identity references based on football. It is questioned what, in fact, the Brazilian team symbolizes or even represents in the narratives of the Northeastern press during the Copa América 2021. The object of study was journalistic content such as reports, editorials, column texts, photographs and related captions to Copa América, published from May 30 to July 15, 2021. The investigation was carried out using the Categorical Content Analysis method proposed by Bardin (2011). The newspaper *Diário do Nordeste* (CE) addressed the theme explored in this study in 23 publications and the *Diário de Pernambuco* had 21, totaling 44 publications. The journalistic material was analyzed, interpreted, quantified and then the categories were defined: Brazil enters the field: end of the homeland in football boots?; Cup rejection in the country of football?; National team stars or disappearance of football-art? It is concluded that in the narratives of the newspapers studied there is a deconstruction of the representation of football in Brazilian society, especially related to the national team.

Keywords: Soccer; Culture; National Identity; Copa America.

¹ Universidade Federal Fluminense – Email: socorrocs@hotmail.com

Introdução

Seríamos ainda o país do futebol? A seleção representaria, nos dias de hoje, a “pátria de chuteiras”, cunhada por Nelson Rodrigues para explicar a relação entre identidade nacional e seleção brasileira? (HELAL, 2010, p.37).

O sociólogo Ronaldo Helal (2010), no artigo sobre “As novas Fronteiras do país do Futebol”, traz reflexões importantes sobre a força simbólica do futebol brasileiro ao questionar se o Brasil ainda é considerado o “país do futebol” e se a seleção brasileira ainda configura como representante da nação ou mesmo a famosa “pátria de chuteira”.

Considerando a possibilidade de que o futebol mantém sua representatividade junto a sociedade e a cultura brasileira, Helal (2011) destaca a importância de entender o papel desse esporte na atualidade, sobretudo relacionado a identidade nacional e a seleção brasileira. Na concepção do autor, ainda há vínculo do torcedor com a seleção brasileira, principalmente durante a Copa do Mundo que acontece a cada quatro anos. Contudo, “a “pátria de chuteiras” perdeu muito da sua carga simbólica” (HELAL, 2011, p. 1).

Essa perda da carga simbólica se tornou uma das principais preocupações de cunho investigativo relacionada a futebol e identidade nacional brasileira, proposta por Helal. Isso corrobora com o propósito deste artigo de pensar as mudanças ocorridas no futebol e sobre o que esse esporte ainda poderá ser em termos de representação no Brasil.

Esse estudo se propõe a analisar como os jornais *Diário de Pernambuco* (PE) e *Diário do Nordeste* (CE), apresentam em suas narrativas jornalísticas – relacionadas à Copa América de Futebol 2021 - realizada no Brasil, referências identitárias com base no futebol. Questiona-se, o que de fato, a seleção brasileira simboliza ou mesmo representa nas narrativas da imprensa nordestina durante a realização da Copa América.

As reflexões presentes nos estudos de Helal e de outros pesquisadores no campo das Ciências Sociais sobre a representação da seleção e sua relação com a identidade nacional brasileira se refere ao fato de que não se pode comparar a carga simbólica construída em torno das Copas do Mundo, disputadas no período

de formação do estado-nação, com outros Mundiais de Futebol. A derrota da Copa do Mundo de 1950 e a vitória da Copa de 1970, são referenciadas por Helal como momentos em que havia um sentimento de nação em torno do desempenho da seleção e sua representatividade no país. Por outro lado, aponta que as vitórias nas Copas de 1994 e de 2002, assim como a derrota do Mundial de 1998 são vitórias e derrotas que são sentidas apenas no campo esportivo.

O declínio da chamada pátria de chuteira, como destacam Helal e Gordon Junior (2011), ao se referirem à possível diminuição da representação da seleção junto a nação, está relacionado, para ambos, a fatores como o processo de globalização que envolve o futebol e a transformação desse esporte em produto de consumo e de entretenimento.

Nesse contexto, um dos pontos observados no estudo dos autores citados, é que a globalização do futebol possibilita o surgimento de identidades regionais e clubistas. Assim, os brasileiros tendem a torcer com maior intensidade pelos seus times preferidos e com uma menor carga de sentimento patriótico pela seleção brasileira. Vale destacar que pensar na força simbólica exercida pelo futebol brasileiro, por meio do vínculo existente com o futebol da seleção, é diferente da relação identitária que há com os clubes.

Simoni Guedes (1997), considerada pioneira em estudos acadêmicos sobre identidade nacional brasileira, tematiza as interpretações significativas do que é o Brasil e como o país se reconhece por meio do futebol. A autora tematiza o futebol como uma instituição zero com seus significantes e em busca de significados; como símbolo da cultura brasileira e elemento presente na definição de identidade nacional.

Assim como Roberto DaMatta, Guedes observa no futebol um meio de se problematizar e dramatizar a sociedade brasileira; de integração e definição de brasilidade. DaMatta tem importante contribuição sobre a cultura brasileira e dentre as quais estão os estudos sobre futebol no Brasil. As principais obras são: *Esporte na Sociedade: um ensaio sobre futebol brasileiro*, *o Universo do Futebol e Sociedade Brasileira*; *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*.

Na percepção de Guedes (1997), a mídia esportiva é a mediadora dessa leitura e interpretação sobre a relação identitária com o futebol. A mídia, por meio de seus discursos, em especial o jornalismo esportivo, nesse contexto, assume o

papel de instituição legitimadora de tal identificação e representação da nação através da seleção.

Desse modo, considera-se importante compreender essa relação de identificação da seleção brasileira como “pátria de chuteira” e o simbolismo do futebol presentes nas narrativas que são construídas pela imprensa da região Nordeste do país, representada neste estudo pelos jornais *Diário de Pernambuco* e *Diário do Nordeste*.

A justificativa para a escolha desses jornais se dá pela importância de ambos na mídia impressa do Nordeste e por se localizarem em Pernambuco e no Ceará, Estados de tradição no futebol do país, inclusive com clubes que participam do Campeonato Brasileiro da Série A. No Ceará tem o Fortaleza e no Pernambuco o Sport Recife, times de expressão no futebol da região Nordeste, os quais contam com milhares de torcedores.

A representatividade de jogadores nordestinos na seleção brasileira também é considerada importante para essa pesquisa. Atletas cearenses como Everton, Jardel e Arthur e os pernambucanos Rivaldo e Juninho - jogaram e defenderam a seleção do país.

Nossas hipóteses seguem o que é defendido por Helal, e partem do pressuposto de que as narrativas jornalísticas desses jornais põem em dúvida o tradicional modelo de identidade nacional brasileira baseada no futebol e que as narrativas construídas mostram mudança nas representações simbólicas em relação ao futebol e a seleção brasileira.

Para chegar as respostas dos nossos questionamentos, seguimos as etapas técnicas propostas por Bardin (2011) e Triviños (1987) para a análise de conteúdo como organização da análise, codificação, categorização, inferência, tratamento dos resultados e interpretação. Essas etapas técnicas correspondem a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados que são as inferência e interpretação.

O Brasil Ainda é País do Futebol e Pátria de Chuteiras?

Reflexões sobre o Brasil, enquanto país do futebol, foram intensificadas a partir de 2001 com a publicação do artigo intitulado: “A crise no futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI”. Naquela ocasião, Helal e Goldon, já enfatizavam a crise que se instalava no futebol brasileiro nos anos de 1970,

provocada, segundo eles, por fatores como: instabilidade financeira dos clubes, exportação de jogadores, queda de público e violência nos estádios. Ainda associaram a esse momento crítico do futebol no Brasil os escândalos de corrupção relacionados à propina e lavagem de dinheiro envolvendo a FIFA (Federação Internacional de Futebol) e a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), entidades esportivas que comandam o futebol mundial e do Brasil, respectivamente.

Esses e outros aspectos citados no texto, evidenciam que o descrédito dessas instituições do futebol reflete na relação identitária que o brasileiro tem com esse esporte e a representação da seleção como a famosa “pátria de chuteira”, definida por Nelson Rodrigues. Nesse contexto, vale destacar que Helal publicou em 2003, desta vez com o pesquisador Antônio Jorge Soares, o artigo sobre “O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa de 2002”, quando novamente enfatizaram a crise no futebol. Na publicação, ampliaram algumas questões no debate como: seríamos ainda o “país do futebol”?; a seleção representaria, nos dias de hoje, a “pátria de chuteiras”?

De acordo com Helal, essa expressão “país do futebol” foi uma construção social realizada por jornalistas e intelectuais em um momento de consolidação do estado-nação, acompanhadas por formulações sobre sociedade (HELAL, 2010, p.38)”.

Nessa perspectiva de construção social é que se apresenta a questão central deste estudo ao tentar compreender que tipo de narrativa identitária relacionada ao futebol é construída pelos jornais *Diário de Pernambuco* e *Diário do Nordeste*. Questiona-se, portanto, a força simbólica desse esporte e da seleção na atualidade nessa região do país.

Para realizar esse tipo de análise da construção da identidade nacional com base no futebol, Helal corrobora com essa pesquisa novamente, ao esclarecer a importância de se compreender o Brasil, antes e depois dos anos de 1930, para se obter respostas desejadas. Para isso, cita referências acadêmicas, do momento de definição do Brasil, como as obras de Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre; *Raízes do Brasil*, de Sergio Buarque de Holanda e *História do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Junior.

A discussão em torno do futebol, enquanto símbolo de identificação nacional, começou a partir de 1930, que coincidiu com as experiências de

democracias populistas e regimes ditatoriais, com a ascensão de Getúlio Vargas, até o fim da Ditadura Militar, quando se pensava na consolidação da unidade nacional (MAGALHÃES, 2011). O sentimento nacionalista foi impulsionado com a profissionalização do futebol em 1933.

O jornalista Mário Filho, considerado por Helal como o “pai da crônica esportiva” brasileira e Gilberto Freyre colaboraram para a construção da ideia de país do futebol, evidenciando sentimento nacionalista e patriotismo relacionado à seleção. Isso se deu em função das conquistas da seleção brasileira nas disputas das Copas do Mundo.

Na Copa de 1938, realizada na França, o Brasil ficou em terceiro lugar e a partir dali começava a se tornar referência no futebol mundial. Naquele momento, contava com jogadores negros como Leônidas da Silva e Domingos da Guia, quando surge a ideia de miscigenação no contexto do futebol no Brasil. Soma-se outras conquistas da seleção brasileira como a de vice-campeã da Copa de 1950 e o histórico do Brasil ser o único país, naquele período, a ser tricampeão em Copas - 1958, 1962 e 1970, sendo esta última a mais emblemática.

É nesse contexto, que o êxito e a derrota da seleção brasileira se tornaram motivo de reafirmação do Brasil de país do futebol, principalmente por meio das crônicas de Mário Filho. A conquista do título de tricampeão mundial pelo Brasil, em 1970, no México, foi um dos momentos em que o discurso midiático enalteceu a identificação da nação brasileira com o futebol ao relacionar o desempenho da seleção naquele momento como a vitória do povo brasileiro, representado pela seleção, bem como a derrota da Copa de 1950 que a imprensa apresenta nas narrativas como a derrota de um projeto de nação.

Esse é o contexto histórico do momento em que o Brasil buscava a consolidação de um projeto de nação em que o futebol era um dos principais símbolos de identificação do brasileiro. Contudo, a partir dos anos 2000, como foi citado anteriormente nesse estudo, surgem novas reflexões no sentido de entender o papel desse esporte relacionado ao seu caráter identitário no país. Helal e Gordon Junior afirmavam que:

As vitórias e derrotas da seleção em Copas do Mundo ainda produzem celebrações e tristezas coletivas. No entanto, não são mais vividas como vitórias ou derrotas da nação brasileira como um todo. A seleção não é mais a “pátria de chuteiras” nos termos de Nelson Rodrigues, que cunhou e imortalizou a expressão. (HELAL; GORDON JUNIOR, 2011, p. 1).

Nesse sentido, as vitórias e derrotas do selecionado brasileiro são postas em discussões como momentos de identificação de sentimento de amor ou patriotismo, com significados que vão além do jogo ou apenas como um simples resultado dentro de campo.

Futebol, Instituição Zero

Nesta discussão sobre identidade nacional no âmbito do futebol, inclusive de questões relacionadas as vitórias e derrotas da seleção brasileira, considera-se necessário destacar as contribuições de Simoni Guedes. A sua principal obra, chamada Futebol Instituição Zero, que é fruto de sua dissertação, tematiza questões relacionadas ao futebol e identidade nacional assim como produção da mídia impressa do país sobre esse esporte.

A autora, considerada pioneira neste tipo de estudo acadêmico sobre futebol no Brasil, retrata nessa obra o modo como interpretar o país por meio desse esporte. Desde 1977 já considerava o futebol como sendo uma “instituição zero, plena de significantes e a espera de ser preenchido com significados (GUEDES, 1997). Esses significados questionados por Guedes remetem as reflexões feitas por DaMatta ao olhar o futebol como dramatização da sociedade brasileira e como elemento presente no cotidiano.

Mesmo considerando o desgaste da seleção brasileira, conforme evidenciado por Helal e outros pesquisadores da área em momentos anteriores desse estudo, Simoni Guedes mantém a ideia de se ler o Brasil a partir das seleções brasileiras e que o futebol é um símbolo de representação do país. Esse significado do futebol depende do contexto.

Para Guedes, a cultura futebolística é importante, existe uma relação entre a seleção brasileira com o Brasil e isso se reflete em momentos que podem ser de celebração de vitórias como também de derrotas. A autora compara as derrotas no futebol com a de outros esportes. Para ela, no futebol tanto a derrota como a vitória se mantém na memória, enquanto nas outras modalidades esportivas em algum momento são esquecidas.

Ainda sobre derrota e vitória, Simoni Guedes entende que vão além da disputa em campo e se estende sobre a definição de Brasil. A pretensão de Guedes é entender o povo brasileiro a partir do desempenho da seleção em Copa do

Mundo. Utiliza um relatório da participação da seleção brasileira na Copa de 1954, de João Lyra Filho, para tentar compreender o Brasil a partir da seleção que representa o país naquele mundial. É por meio da análise desse relatório que Guedes percebe as interpretações de Lyra Filho sobre questões de definição do povo brasileiro, como raça e gênero e as suas fragilidades manifestadas nas Copas do Mundo, consideradas por ela como o templo da nação.

Futebol e o Brasil: Olhar de DaMatta

A temática da representatividade do futebol junto à sociedade brasileira, a partir de 1970, passou a ser objeto de estudo das Ciências Sociais também em função dos trabalhos importantes que foram desenvolvidos pelo sociólogo Roberto DaMatta. Ele considera o futebol como meio de se estudar e entender o Brasil. Busca apresentar o futebol como veículo de dramatização da sociedade brasileira e com um significado papel de representação do país. Isso pode ser visto no seu artigo: *Esporte na Sociedade: um ensaio sobre futebol brasileiro* quando afirma: “estudando o futebol e o esporte como um drama pretendo analisar essas atividades como modos privilegiados, através dos quais a sociedade se deixa perceber ou ler por seus membros (DAMATTA, 1982, p.21)”.

No livro *o Universo do Futebol e Sociedade Brasileira*, DaMatta organiza discussões sobre a temática do futebol, inclusive destaca os estudos de Simoni Guedes, com quem compartilha a ideia de futebol como meio de interpretação do Brasil. DaMatta é um dos mais importantes pesquisadores da história do futebol e relação com a sociedade.

Em 2012, DaMatta, como forma de reconhecimento da sua capacidade de pensar a cultura brasileira sob os mais diversos olhares, inclusive pelo futebol e carnaval, foi convidado para o Intercom, principal evento da área de Comunicação no país, para a proferir a palestra central sobre as suas contribuições na cultura e na sociedade.

DaMatta estuda carnaval e futebol para entender a cultura e o Brasil. Um dos pontos interessantes dessa discussão é o futebol como ópio do povo. No livro *Universo do Futebol*, em um dos artigos que o compõe - *Esporte na Sociedade: um ensaio sobre futebol brasileiro*, ele enfatiza essa questão e aponta que “só quem sabe o real papel da sociedade brasileira é a camada dominante (que utiliza como ópio das massas) e os críticos da sociedade. A massa permanece na

escuridão de sua idiotice crônica, incapaz de perceber seu sistemático engano (DAMATTA, 1982, p.21)

O autor critica essa visão elitista do pão e do circo relacionada ao futebol brasileiro de desviar a atenção dos problemas sociais. Em muitos momentos já se comprovou que o futebol já não é visto por essa lógica. Pode-se citar momentos como as Jornadas de Junho e a Copa das Confederações de 2013, a Copa de 2014 e a própria Copa América, objeto de estudo desse artigo, que se encaixam nessa lógica de que futebol não é ópio do povo.

Estilo: Será o Futebol-Arte?

Quando se trata dos estilos de jogo brasileiro, Ronaldo Helal considera a discussão como polêmica. Este estilo brasileiro de jogar futebol é caracterizado pela alegria, improvisação e dribles. Helal destaca que o futebol, carnaval e a malandragem é uma construção de futebol brasileiro em relação ao futebol europeu. Isso foi enfatizado por Mário Filho e Gilberto Freyre em função das conquistas da seleção brasileira em Copas do Mundo, conforme já citado anteriormente nesse estudo.

Em 1938, no artigo “Foot-ball Mulato”, Freyre exalta características de habilidades individuais. Apresenta estilos opostos de se jogar futebol: apolíneo e dionisíaco. O primeiro mais formal e racional, característico do europeu e o outro mais individualista e emocional, onde retrata a figura do mulato.

Soares e Lovisolo (2001), trazem essa questão de estilo de jogo de Gilberto Freyre no artigo: “Futebol: A construção histórica do estilo nacional”.

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manhas, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, ou alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro (SOARES; LOVISOLO, 2001, p.31).

Soares e Lovisolo (2003) também afirmam que o futebol-arte, como forma de jogar do brasileiro, se tornou marcas da identidade nacional brasileira abordada e reforçada pelas narrativas midiáticas. O discurso da mídia mantinha as raízes nacionais, construía discurso de identidade baseado nas tradições míticas relacionadas ao futebol. Os autores destacam que existem novas reflexões

sobre a explicação da construção do estilo nacional de futebol, sobretudo para se pensar o futebol brasileiro numa lógica globalizada e dentro de um contexto de espetacularização e mercantilização.

Mostaro (2013), no seu artigo sobre “O futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde”, aponta que essas narrativas jornalísticas trazem memória, resgatam fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição.

DaMatta também problematiza sobre a construção da identidade nacional por meio do carnaval, samba e futebol e a partir desses elementos tenta entender o Brasil e a cultura do país. Reflete sobre a malandragem do brasileiro como meio de sobrevivência e o jogo de cintura como estilo nacional para pensar o futebol brasileiro e o europeu.

É sabido no Brasil, que o futebol nativo tem jogo de cintura, ou seja, malícia e malandragem, elementos inexistentes no futebol estrangeiro, sobretudo europeu, um futebol fundado na força física, capacidade muscular, falta de improvisação e de controle individual de bola dos jogadores. O futebol é um meio altamente significativo de veicular mensagens, sobre o que é realmente ser brasileiro, sobre o sentido da vida, do destino e do papel da técnica no universo social. Tudo isso de modo direto, gráfico, literal, profundo e dramático (DAMATTA, 1982, p. 28).

DaMatta destaca essa questão do estilo relacionado com a biografia. Ele traz como exemplo a Copa de 1950, que tem uma dimensão simbólica como a presença de questões raciais que surgiram relacionadas, sobretudo à culpa pela derrota da final para o Uruguai, direcionada aos jogadores negros Barbosa, Juvenal e Bigode. Naquele momento, em que se construía o projeto de nação e se buscava definir a identidade por meio do futebol, a perda do título comoveu o povo brasileiro e se tornou tragédia no país.

Para o sociólogo DaMatta (2006) essa identidade futebolística do brasileiro pode ser observada em épocas de Copa do Mundo. Segundo ele, a Copa é um momento em que se faz alusão aos símbolos do país e se expressa amor pela seleção. Ao descrever a Copa de 2002, resume da importância do evento e a sua relação com a sociedade brasileira:

O “esporte” como bem ilustra essa Copa do Mundo, é uma dessas molduras com a força de ordenar, se não o mundo, pelo menos o Brasil em 2002. No seu “campo”, abre-se um parêntese na vida social. E o segredo dessa trégua é apartar um conjunto significativo da vida social, pois em qualquer atividade esportiva, separam-se com especiais aquele “jogo”, objetos, gestos, atitudes,

sentimentos, normas, corpo, disponibilidade, cargos, organizações, espaços e temporalidades (2006, p. 118).

Mesmo a Copa sendo esse momento mágico, sobre o qual se refere DaMatta, é preciso levar em conta que esses Mundiais de Futebol, conforme defende Helal; Cabo; Silva (2011, p. 195) são “potencializadores de tradições inventadas, conforme defendidas por Eric Hobsbawm e Ranger (1997). Isso também dialoga com a questão das comunidades imaginadas, conforme Anderson (2008). Mesmo assim, nas Copas - a paixão e o amor pela seleção, enquanto pátria de chuteiras, parece está desaparecendo a cada edição realizada.

Nessa perspectiva, pretende-se pensar qual a definição do Brasil pela imprensa nordestina em se tratando de identidade e o futebol. Ou seja, é possível se pensar o futebol brasileiro como elemento que define a nossa identidade? Como são vivenciadas as derrotas e vitórias? São respostas para essas reflexões que pretendemos encontrar nas narrativas do *Diário de Pernambuco* e *Diário do Nordeste* sobre a Copa América 2021.

Corpus de Análise

Para definirmos o material jornalístico que se referem às matérias, reportagens, textos de colunas, fotografias e legendas sobre a Copa América de Futebol, realizada no Brasil, e publicados no período de 30 de maio a 15 de julho de 2021, fizemos, inicialmente, uma pré-análise e uma leitura de todo o material encontrado sobre o referido evento.

Esse conteúdo jornalístico é relacionado a escolha do Brasil como sede da Copa América, aos protestos e polêmicas sobre a realização desta competição no país e sobre a participação da seleção brasileira. O período analisado corresponde a um recorte que se inicia com o anúncio do Brasil, como país sede, até a decisão do título da competição.

Nesse período, o Brasil e o mundo vivia uma crise sanitária em função da pandemia da Covid-19. Devido a pandemia, a Colômbia e em seguida a Argentina, que deveriam receber o evento, desistiram de ser anfitriãs por temer agravamento da pandemia no país. A mudança da Copa América para o Brasil, defendida pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, gerou polêmica desde o seu anúncio, no dia 31 de maio.

Esse cenário de protestos fomentou esse debate sobre a representação do futebol na contemporaneidade, enquanto símbolo da identidade nacional. Nesse

contexto, o jornal *Diário do Nordeste* (CE) abordou a temática explorada nesse estudo em 23 publicações. Já o *Diário de Pernambuco* teve 21, somando ao todo 44 publicações.

No segundo momento da pesquisa, fez-se a codificação, categorização e as inferências, onde identificamos as temáticas predominantes nas 44 publicações e suas frequências, relacionando-as a Copa América. O material jornalístico foi analisado, interpretado, quantificado e em seguida definidas as categorias. Essas categorias foram determinadas de forma quantitativa e baseadas na sua frequência por matéria. Foram identificadas as categorias: Brasil entra em campo: fim da pátria de chuteiras?; Copa da rejeição no país do futebol?; Astros da seleção ou desaparecimento do futebol-arte?

Análise do Diário do Nordeste e Diário de Pernambuco

Categorias Identificadas

Brasil entra em campo: fim da pátria de chuteiras?

Essa categoria se refere a participação da seleção brasileira na Copa América e ao desempenho do selecionado em campo. Ainda sobre questões de identificação e representação nacional com a seleção, assim como abordagens que se relacionam à reflexão sobre uso do termo “pátria de chuteira”, defendido por Nelson Rodrigues.

Das 21 publicações feitas pelos jornais estudados e que se encaixam com essa categoria, apenas uma matéria retrata, de forma direta, a relação do Brasil com o futebol e a seleção. As demais, abordam os resultados dos jogos e o aproveitamento da seleção no torneio. A exceção encontra-se no texto de coluna de Wilton Bezerra, publicado pelo *Diário do Nordeste*, no dia 15 de junho de 2021. Com o título: “Como é Triste a Copa América”, o colunista faz uma crítica ao futebol sul-americano por ter se tornado exportador de jogadores para clubes da Europa e sobre a própria seleção brasileira:

Há bastante tempo o futebol da América do Sul se destina apenas a ser fornecedor de pé de obra para o rico futebol europeu, figurando na segunda divisão do futebol do mundo. Ademais, em se tratando de Seleção Brasileira, os seus resultados, mesmo que positivos, não trazem nenhuma situação conclusiva para o futuro (DIÁRIO DO NORDESTE, 15/6/2021).

Esse trecho dialoga com as discussões de Helal e Gordon Junior (2011) sobre as vitórias e derrotas sofridas pela seleção brasileira em Copas do Mundo. Ainda corrobora com os autores que defendem que na contemporaneidade o desempenho da seleção, seja positivo ou negativo é sentido apenas no campo esportivo e não mais como algo do povo brasileiro ou mesmo como uma tragédia, como considerado na derrota da Copa de 1950. Nesse sentido, como afirma Helal (2002, p.3) “as narrativas em torno da seleção brasileira já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nação”.

Nem mesmo a narrativa do jogo da final da Copa América, conforme matéria publicada no dia 7 de julho pelo Diário do Nordeste, intitulada: “Saiba tudo sobre a final da Copa América de 2021 entre Brasil e Argentina”, não aborda questões do futebol brasileiro e sua relação com a nação. Há referência apenas a “rivalidade” ou mesmo da amizade entre os jogadores, no caso, o argentino Messi e o brasileiro Neymar.

A final da Copa América de 2021 está definida: Brasil e Argentina se enfrentam neste sábado (10), às 21h, no estádio Maracanã, no Rio de Janeiro/RJ. É a primeira decisão entre as seleções em 14 anos, a última terminou com título brasileiro em 2007 com triunfo por 3 a 0. Na história, será a 6ª vez que os craques Lionel Messi e Neymar irão se enfrentar na carreira. No retrospecto geral, o atacante argentino tem a vantagem de três vitórias contra duas do brasileiro, contando partidas entre seleções e clubes (DIÁRIO DO NORDESTE, 7/7/2021).

Do mesmo modo, no jornal *Diário de Pernambuco*, embora apareça na narrativa o “Super Clássico” ao se referir ao jogo final da Copa América entre Brasil e Argentina, não há um desfecho que retrate a rivalidade entre as duas seleções e sim sobre Messi e Neymar. “Os dois maiores astros do futebol sul-americano, Lionel Messi e Neymar, se enfrentam neste sábado, às 21h, no Maracanã, na final da Copa América 2021, em um super clássico entre Argentina e Brasil” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO,10/7/2021).

Percebe-se, nesse trecho do *Diário de Pernambuco*, que a tradicional rivalidade entre as seleções do Brasil e da Argentina parece perder parte do significado que outrora apresentava. Contudo, o jornal mantém o discurso da rivalidade entre ídolos dos dois países, como retratado pela mídia em relação a Pelé e Maradona, a partir de 1986, conforme destaca Helal nos estudos sobre a rivalidade entre Brasil e Argentina.

Copa da rejeição no país do futebol?

Essa categoria trata das questões relacionadas às manifestações contrárias à realização da Copa América no Brasil e a crise sanitária em relação à Covid-19. Assim, é importante destacar que no momento do anúncio do Brasil como sede do torneio, havia mais de 17 milhões de casos de Covid-19 e quase 280 mil mortos pela doença. Isso gerou polêmica nos mais diversos setores da sociedade brasileira, inclusive entre os jogadores da seleção brasileira que se recusavam, a princípio, a jogar como forma de protesto.

Apesar de toda a representação simbólica do futebol no Brasil, as questões de saúde se tornaram prioridades e a realização do torneio foi bastante questionada pela sociedade brasileira. É nesse contexto, que serão analisadas as narrativas construídas pelo *Diário de Pernambuco* e *Diário do Nordeste* em torno da Copa América no Brasil, no sentido de perceber como essas nuances repercutiram sobre a rejeição do torneio.

A matéria do *Diário de Pernambuco* intitulada: “Pernambuco descarta a Copa”, publicada no dia primeiro de junho, anunciava a rejeição do Estado em relação ao torneio. Os repórteres, Eduardo Parin e Ricardo Bezerra, que assinam a matéria, evidenciam esse descarte, em relação à cidade de Recife (PE), de receber o evento por meio de fala de fonte oficial como representante do governo do Estado de Pernambuco.

“É preciso compreender que a América do Sul vive um momento epidemiológico complicado, tanto é que não foi possível realizar o campeonato na Argentina e na Colômbia. E, nesse sentido, receber delegações estrangeiras seria um risco desnecessário, sem contar com a possibilidade de um evento desse porte que pode suscitar a aglomeração de pessoas”, disse o secretário estadual de Saúde, André Longo (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1/6/2021).

A rejeição da região Nordeste e de outros Estados do país em sediar a Copa América, também foi divulgada pelo Jornal *Diário do Nordeste*, no dia 31 de maio com uma matéria que trazia como título: “Governos estaduais se posicionam contra a realização da Copa América no Brasil”. A matéria destaca o posicionamento contrário e veto dos governos do Rio Grande do Norte, de Pernambuco e do Rio Grande do Sul.

A primeira recusa partiu do governador de Pernambuco, Paulo Câmara. Em nota divulgada via assessoria de imprensa, o gestor alegou nova aceleração dos casos e vetou o estado como sede da Copa América 2021. O discurso também foi adotado pela

Governadora Fátima Bezerra, do Rio Grande do Norte, que garantiu não haver níveis de segurança epidemiológica para realização do evento (DIÁRIO DO NORDESTE, 31/5/2021).

Apesar de afirmar seu posicionamento contrário a realização da Copa América, sobretudo na região Nordeste do país, o jornal *Diário do Nordeste* mantém uma certa dicotomia quando se refere às críticas dos jogadores da seleção contra a Conmebol, entidade responsável pela organização desse torneio futebolístico da América. Isso evidencia que o jornal apresentou abordagem contrária à Copa América – com enfoque sobre os problemas sociais, em especial relacionados a saúde, mas também explora aspectos nacionalistas. O manifesto dos jogadores, publicado na íntegra, retrata muitas características atribuídas ao Brasil, como país do futebol mesmo com os problemas extracampo: “somos um só”, “somos pentacampeões do mundo”, “quando nasce um brasileiro, nasce um torcedor”. Percebe-se isso no trecho em que os jogadores afirmam compromisso com a nação: “Temos uma missão a cumprir com a história camisa verde amarela pentacampeã do mundo. Somos contra a organização da Copa América, mas nunca diremos não à seleção brasileira (DIÁRIO DO NORDESTE, 9/6/2021)”.

Em se tratando da relação que o jornal faz entre a Copa América e a sua rejeição por meio dos protestos da sociedade e dos jogadores da seleção, vale relembrar a crítica feita por DaMatta sobre o futebol, enquanto ópio do povo, ou seja, como instrumento de manipulação e de desvio de foco das causas sociais e políticas presentes no cotidiano.

Astros da seleção ou desaparecimento do Futebol-Arte?

Em se tratando da formação da identidade nacional brasileira, tendo o futebol como elemento sintetizador da cultura do país, o escritor Gilberto Freyre, assim como DaMatta, tematizava o estilo do futebol-arte como definidor da brasilidade futebolística, ou seja, o modo próprio do brasileiro de jogar futebol. Esse estilo trazia aspectos como drible, a ginga, improviso, malandragem e jogo bonito. O jornalista Mário Filho, com suas crônicas, dentre outros escritores como Nelson Rodrigues, colaborou com a reafirmação dessa representação do modo de ser do brasileiro por meio do futebol. O talento individual e a criatividade eram explorados nas narrativas da seleção brasileira.

O ponto chave desta categoria: Astros da seleção ou desaparecimento do futebol-arte? é observar se os atributos como criatividade e jogo bonito estão presentes no material jornalístico sobre a Copa América 2021 publicado pelo *Diário do Nordeste* e *Diário de Pernambuco* ou se há desaparecimento do jogador símbolo desse estilo de jogo.

Dentre as matérias referentes a essa categoria, apareceram apenas duas narrativas e em ambas o jogador Neymar é considerada a figura principal da seleção brasileira na Copa América. O *Diário do Nordeste* divulgou uma matéria com o título: “Neymar está próximo de superar recorde de Pelé na Seleção Brasileira” que compara a atuação dos dois jogadores com a camisa da seleção e relembra outros craques do futebol do país.

O paralelo dos números está na representatividade do eterno. No pós-Pelé, o Brasil produziu inúmeros craques, cada um com uma vanguarda de época como Zico, Romário e Ronaldo. Para, hoje, ser o segundo maior artilheiro, Neymar precisou superar as marcas de todos. E as chances de atingir o ápice são latentes. Há uma Copa do Mundo em 2022, a Copa América está apenas na 2ª rodada e as Eliminatórias Sul-Americanas seguem em andamento. Sem contar a presença constante do jogador nas convocações do técnico Tite e a idade atual (DIÁRIO DO NORDESTE, 18/6/2021).

Na tentativa de resgatar a memória e os atributos do futebol-arte, o jornal publica um vídeo com vários lances de dribles do jogador Neymar. Além de fotos com Pelé, associando a imagem dos dois como maiores goleadores da história da seleção brasileira. O texto e o vídeo aparecem como estratégia de afirmação do futebol-arte, em especial na figura de Neymar, que se encaixa nas definições de heróis clássicos, defendidas por Helal.

Considerações Finais

O Brasil, na sua definição enquanto nação, incorporou o futebol como um importante símbolo da cultura nacional e de representação do seu povo. Ao longo dos anos, este esporte, popularizado, passou a ser associado como a paixão nacional. Essa paixão, ocorreu, em especial nos anos de 1950 e 1970, quando a seleção virou a “pátria de chuteira”, ou seja, a legítima representante do país dentro da ideia do projeto nação. Jornalistas e escritores, como Nelson Rodrigues e Mário Filho, tiveram papel decisivo nessa construção discursiva do Brasil como “país do futebol” ou a “pátria de chuteiras”.

Por outro lado, enfatizou-se neste estudo, as novas reflexões feitas na contemporaneidade acerca da representação do futebol no país e em especial a relação à seleção brasileira. Entender essa construção história sobre o futebol, enquanto elemento de identificação do brasileiro, considera-se importante para essa investigação.

Nessa pesquisa, o futebol já não aparece como um elemento prioritário de identificação do brasileiro. Quando se fala de seleção brasileira, isso é bastante claro, sobretudo nas análises das categorias: Brasil entra em campo: fim da pátria de chuteiras? e a Copa da rejeição no país do futebol? Em ambas, notou-se recusa dos governos dos Estados de Pernambuco e Rio Grande Norte em relação a Copa América e um posicionamento da região Nordeste sobre o evento que traduz na relação identitária com o futebol ou com a seleção. Assim, o termo “pátria de chuteira”, segundo as análises do *Diário do Nordeste* e do *Diário de Pernambuco*, não se encaixa na lógica da relação entre identidade nacional e seleção brasileira quando se pensa no contexto da Copa América.

Sobre o estilo de jogo do brasileiro, percebeu-se que durante esse torneio, o futebol-arte proposto por Gilberto Freyre, aparece timidamente sobre o jogador Neymar, o que fica evidenciado nas análises da categoria sobre “Astros da seleção ou desaparecimento do futebol-arte?”. A pouca ênfase dada aos aspectos individuais e criativos aos jogadores da seleção que disputou a Copa América, nos faz concluir que o futebol-arte, com a sua suposta astúcia, jogo bonito, fazem parte apenas das construções presentes na imprensa esportiva. Do mesmo modo que a pátria de chuteiras, também é uma construção simbólica criada pela mídia. Assim, portanto, o futebol continua sendo uma “instituição zero, plena de significantes e a espera de ser preenchido com significados (GUEDES, 1997).

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Cia das letras, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEZERRA, Wilton. Como é triste a Copa América. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 15 de junho de 2021.

BRASIL e Argentina: vale o título. *Diário de Pernambuco*. 10 de Julho de 2021.

Disponível em:

<http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/noticia/cadernos/superesportes/2021/07/brasil-e-argentina-vale-o-titulo.html>.

CABO, Álvaro.; HELAL, Ronaldo. “De la magia a lamerde”: O olhar da imprensa argentina sobre a seleção brasileira na Copa do Mundo de 2006. In: **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2009, Curitiba. Anais de Congresso. Curitiba, Paraná, 2009, p. 1-15.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, trezes crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**. Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

GUEDES, Simoni. Lahud. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro (p.19-60).

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. In: **ALCEU**, v.4, n.7 - p. 19 a 36 - dez. 2003.

HELAL, Ronaldo. As novas fronteiras do ‘país do futebol’. **Rio Pesquisa**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 11, p. 37-39, 2010.

HELAL, Ronaldo; GORDON Jr, C. A crise do futebol brasileiro perspectivas para o século XXI. **Revista Eco-Pós**. Rio de Janeiro, UFRJ, v.5, n.1, p. 37-55, 2002.

HOBSBAWM, Eric.; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JOGADORES da Seleção se dizem "contra a organização da Copa América" mas vão jogar o torneio. *Diário do Nordeste*. 9 de junho de 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/jogada/jogadores-da-selecao-se-dizem-contra-a-organizacao-da-copa-america-mas-vaio-jogar-o-torneio-1.3095497>

MOSTARO, Felipe. **O futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde**. In: VI Congresso de Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação, 2013, Rio de Janeiro. Anais do Congresso. Rio de Janeiro, 2013, p. 1-15.

NEYMAR está próximo de superar recorde de Pelé na Seleção Brasileira. *Diário do Nordeste*. 18 de junho de 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opinio/colunistas/alexandre-mota/neymar-esta-proximo-de-superar-recorde-de-pele-na-selecao-brasileira-veja-numeros-1.3099324>.

PARIN, Eduardo.; BEZERRA, Ricardo. Pernambuco descarta a Copa. *Diário de Pernambuco*. Recife, 1 de junho de 2021.

SAIBA tudo sobre a final da Copa América de 2021 entre Brasil x Argentina. *Diário do Nordeste*. 7 de julho de 2021. Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/jogada/brasil-e-argentina-na-final-copa-america-1.3106820>.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.25, n.1, Campinas, Autores Associados, p.129-143 set. 2001.